

Enio R. Mueller

# **Caminhos de Reconciliação**

A Mensagem da Bíblia

1ª Edição

  
Grafar  
2010

© 2010 Editora Grafar Ltda. Todos os direitos reservados.  
As traduções dos textos bíblicos são do próprio autor.

Capa: Paulo Vinícius Duvoisin Horstmann

Diagramação: Robert W. Beims

Apoio: CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa).

---

M958 Mueller, Enio R.  
Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia  
/ Enio R. Mueller – 1.ed. – Joinville: Grafar, 2010.  
212p.; 21cm

ISBN 978-85-63723-00-0

1. Deus 2. Cosmogonia. 3. Religião e ciência.  
4. Reconciliação (Aspectos religiosos). I. Título.

CDD 231.765(22.ed)  
CDU 231.51

---

Bibliotecária responsável Maria Isabel Schiavon Kinasz / CRB 9-626

Editora Grafar Ltda.  
Rua XV de Outubro, 4792 – Rio Bonito  
89239-700 – Joinville – SC  
www.editoragrafar.com.br  
vendas@editoragrafar.com.br

# Sumário

<b>1</b>	<b>No Começo</b>	<b>11</b>
	A criação do universo . . . . .	12
	A condição primordial . . . . .	12
	A criação pelo Espírito-Palavra de Deus . . . . .	13
	O mundo que Deus criou . . . . .	14
	“E Deus fez o ser humano, à sua imagem” . . . . .	16
	Filho e filha da terra . . . . .	16
	Homem e mulher . . . . .	17
	Imagem de Deus . . . . .	18
	O mundo: um jardim . . . . .	19
<b>2</b>	<b>Abriram-se os Olhos...</b>	<b>21</b>
	Luz, câmera, ação! . . . . .	21
	O que aconteceu? . . . . .	23
	Nova sequência de cenas . . . . .	24
	Sinais de esperança em meio à tragédia . . . . .	26
	O jardim e o mundo . . . . .	26
<b>3</b>	<b>Ao Leste do Éden</b>	<b>30</b>
	Tudo igual, tudo diferente . . . . .	30
	Memórias e esquecimentos . . . . .	32
	Um novo começo . . . . .	33
	Mas Deus é Deus . . . . .	35
	“Ele é carne” . . . . .	35
	A criação volta à condição do caos primitivo . . . . .	36
	Mas Deus é Deus! . . . . .	36
	E a história prossegue . . . . .	37

<b>4</b>	<b>Para a Terra Prometida (I)</b>	<b>39</b>
	Deus visita Abrão no leste . . . . .	39
	Abrão parte para o oeste . . . . .	41
	Abraão e sua família, na terra prometida . . . . .	42
	O neto de Abraão volta para o leste . . . . .	43
<b>5</b>	<b>“Do Egito Chamei meu Filho”..</b>	<b>47</b>
	Jacó volta do leste . . . . .	47
	A família de Jacó desce ao Egito . . . . .	48
	Muito tempo depois . . . . .	49
	Saindo do Egito . . . . .	50
	No deserto . . . . .	51
	“Vocês viram o que eu fiz...” . . . . .	52
	Os Dez Mandamentos . . . . .	54
<b>6</b>	<b>Deus Acampa com seu Povo</b>	<b>55</b>
	O Sinai como portal do céu . . . . .	55
	O portal do céu dentro do acampamento do povo . . . . .	57
	A presença escondida de Deus . . . . .	58
	A presença escondida de Deus no santuário . . . . .	59
	A presença escondida de Deus na nuvem . . . . .	61
<b>7</b>	<b>Para a Terra Prometida (II)</b>	<b>64</b>
	O povo de Deus a caminho . . . . .	64
	Passando o Jordão . . . . .	65
	Na terra prometida . . . . .	67
	O fim . . . . .	70
	Os profetas . . . . .	71
	O fundo do poço . . . . .	73
<b>8</b>	<b>Para a Terra Prometida (III)</b>	<b>74</b>
	Os anos do exílio . . . . .	74
	O retorno à terra prometida . . . . .	77
	Esperança de Presença, experiência de Ausência . . . . .	78
	O fim da narrativa do Antigo Testamento . . . . .	80
<b>9</b>	<b>Na Plenitude dos Tempos</b>	<b>82</b>
	Voz que clama no deserto . . . . .	82
	Deus conosco . . . . .	84

Jesus, a escada de Jacó . . . . .	85
Definindo a trama . . . . .	87
<b>10 O Caminho de Jesus</b>	<b>89</b>
Os Evangelhos como narrativa do caminho de Jesus . . . . .	89
Jesus como aquele que completa o caminho de <i>adam</i> . . . . .	90
A vida e morte de Jesus como recapitulação do mundo . . . . .	91
A vida e morte de Jesus como manifestação escondida de Deus . . . . .	93
A vida e a morte de Jesus como vitória do amor sobre o pecado	94
<b>11 ... Abriram-se os Olhos</b>	<b>97</b>
A narrativa da crucificação . . . . .	97
Interlúdio (I) . . . . .	101
Interlúdio (II) . . . . .	102
“Desceu ao mundo dos mortos” . . . . .	102
“Subiu ao céu” . . . . .	104
O túmulo vazio . . . . .	105
Reconhecendo o Ressurreto . . . . .	106
<b>12 A Vinda do Espírito</b>	<b>108</b>
A primeira igreja . . . . .	109
A vinda do Reino . . . . .	110
O Pentecostes . . . . .	111
O Espírito e Deus . . . . .	112
O Espírito como Deus que atua em juízo e graça . . . . .	115
<b>13 O Sopro do Espírito</b>	<b>117</b>
O sopro do Espírito “para fora” . . . . .	117
“Vocês serão minhas testemunhas...” . . . . .	117
“... até o último lugar da terra” . . . . .	119
O sopro do Espírito “para dentro” . . . . .	121
Os dons e o fruto do Espírito . . . . .	121
O Espírito e a cura interior . . . . .	122
<b>14 Caminhos que Confluem</b>	<b>125</b>
O caminho de Jesus e o caminho de <i>adam</i> . . . . .	125
O caminho de Jesus e o nosso . . . . .	128
A confluência dos caminhos . . . . .	130

O batismo . . . . .	130
A caminhada cristã . . . . .	133
<b>15 As Comunidades do Caminho</b>	<b>134</b>
A palavra do caminho . . . . .	134
As comunidades do caminho . . . . .	136
O culto cristão como experiência de reconciliação . . . . .	138
Eucaristia como reconciliação de histórias de vida . . . . .	142
Reconciliação como critério da teologia cristã . . . . .	146
<b>16 A Palavra da Reconciliação</b>	<b>149</b>
O amor de Deus em Cristo a nós e ao mundo . . . . .	151
Reconciliação . . . . .	152
Os envolvidos . . . . .	152
Os custos e as implicações . . . . .	153
O resultado . . . . .	153
O amor de Deus em Cristo ao mundo através de nós . . . . .	154
Reconciliação em dois tempos . . . . .	154
O ministério da reconciliação . . . . .	154
A palavra da reconciliação . . . . .	155
O anúncio da reconciliação . . . . .	156
Reconciliação e Cruz . . . . .	157
<b>17 Caminhos da Interpretação</b>	<b>158</b>
Luzes no caminho . . . . .	159
O começo do caminho . . . . .	161
A reconciliação dos caminhos . . . . .	163
Os conflitos da interpretação . . . . .	165
Caminhos do amor . . . . .	168
O mandamento do amor . . . . .	170
O amor e suas destinações . . . . .	171
Lendo a Bíblia com Jesus . . . . .	176
<b>18 Caminhos da Vida</b>	<b>179</b>
O ser humano como ser em relação . . . . .	179
O ser em relação, e sua relação com o sofrimento . . . . .	180
Sofrimento e Angústia . . . . .	182
Angústia e Existência . . . . .	183
Lidando com a angústia em meio à existência . . . . .	185

Lendo a Bíblia em meio às nossas angústias . . . . .	187
<b>19 Para Onde Levam os Caminhos (I)</b>	<b>190</b>
O começo dos caminhos . . . . .	190
Visões do futuro, esperanças do presente . . . . .	192
O primeiro grande quadro do mundo: Babilônia . . . . .	193
Os fundamentos da grande cidade: religião e poder (Ap 17) . . . . .	195
O fundamento dos fundamentos da grande cidade: uma estrutura econômica (Ap 18) . . . . .	197
O que fizeram com a boa criação divina? . . . . .	198
<b>20 Para Onde Levam os Caminhos (II)</b>	<b>200</b>
O segundo grande quadro do mundo: Nova Jerusalém . . . . .	200
O novo mundo . . . . .	201
De novo, a escada . . . . .	203
Separações e Reconciliações . . . . .	205
Retratos de um mundo novo . . . . .	208
Para onde levam os caminhos . . . . .	211



# Capítulo 1

## No Começo

*No começo era a Palavra...* (João 1:1)

*No começo Deus criou o céu e a terra...* (Gênesis 1:1)

Nossa história começa *no começo*. Quando a Bíblia fala assim, “no começo”, ela tem em vista um tempo que não é igual ao nosso. É um tempo anterior ao nosso, em que tudo é como Deus havia pensado. Ele não é simplesmente o início do tempo como nós o percebemos. Poderíamos dizer que ele é o “tempo profundo” do tempo que nós vivemos. Ele precede o nosso e o acompanha, e nos dá as perspectivas e os critérios para podermos avaliar e entender o nosso tempo.

Até lá precisamos voltar para compreender o drama humano, como a Bíblia o narra. A primeira frase da Bíblia nos remete a este começo, o tempo quando Deus criou tudo que existe, inclusive o próprio tempo.

Esse “antes do tempo”, esse “tempo profundo”, a Bíblia chama de “eternidade”. Essa relação entre eternidade e tempo é, na verdade, uma das coisas que a história narrada na Bíblia quer nos ajudar a pensar e sentir. A eternidade que dá origem ao começo, aqui em Gênesis se concentra numa palavra: *Deus*. Deus é o que “é” antes mesmo do tempo. O Evangelho de João, nas suas primeiras palavras, coloca ali também “a Palavra”. A Palavra, segundo ele, “estava no começo com Deus”, ela “era Deus”. A Palavra, portanto, ao mesmo tempo se identifica com Deus e se distingue em relação a Deus.

“Palavra” (*logos*), neste texto, significa duas coisas. Significa “palavra” e também “pensamento”. Não se deve separar isso. A palavra resulta do pensamento. O pensamento é formado no ambiente da linguagem, e se expressa em palavra. Esse duplo aspecto da Palavra divina ajuda a entender como ela pode, ao mesmo tempo, se identificar e se distinguir em relação a Deus. E como a Palavra é logo descrita como sendo o Filho de Deus, essa “identificação com distinção” abre uma importante dimensão do ser divino, que a narrativa bíblica irá desvelando.

## **A criação do universo**

### ***A condição primordial***

“No começo Deus criou o céu e a terra”. Na língua hebraica esta forma de descrição significa uma totalidade, expressa por referência aos seus dois extremos. O céu e a terra significam o mundo todo, o universo.

Depois dessa frase inicial, a narrativa bíblica se concentra na *terra*, o palco de tudo que segue. Mas é importante nunca perder de vista o jeito que ela fala da terra nessa primeira vez: como parte de uma grande unidade cósmica, um grande universo. Não se trata simplesmente do “universo” como nós falamos dele, mesmo na linguagem científica. O *céu* não é só à imensidão dos astros e das galáxias. Ele representa o “lugar” de Deus. E também das criaturas espirituais que, segundo o Livro de Jó (38:6-7) festejavam, junto com as estrelas matutinas, quando Deus “colocou os alicerces do mundo”.

Um universo “secularizado”, no qual a terra fosse nada mais que uma mera partícula, um pequeno grão de areia, e o céu nada mais que um imenso conjunto de astros, não cabe na visão da Bíblia. Uma terra deixada a si própria, sem a referência ao céu que com ela forma uma unidade, facilmente se torna presa da violência e do egoísmo dos humanos que a habitam. E que se expressa já, inclusive, na própria concepção de uma terra sem céu.

Por outro lado, querer hoje refazer, por nossa conta, essa unidade originária, também não é possível. Boas intenções e pensamento positivo, aí, não são suficientes. Tragédias aconteceram, cujos efeitos sofremos até hoje. Tragédias que afetaram não só o jeito

como vivemos e pensamos de nós mesmos, mas as próprias estruturas de sustentação dessa unidade cósmica, os ligamentos que vinculam os seus elementos. A narrativa bíblica não só tenta descrever estas tragédias, mas medita sobre suas implicações. E fala também do que Deus fez e continua fazendo em relação a elas.

A *terra* é descrita inicialmente como “um grande vazio”, um sem-forma caótico (Gn 1:2). Algo difícil de descrever, porque para descrever precisamos de formas. Estas, porém, só passarão a existir com a criação. A terra é descrita, então, como um abismo escuro, como um oceano sem praia. O texto bíblico parece fazer um esforço para falar do “nada” tentando dizer alguma coisa dele, dizer algo para se referir à ausência de tudo.

### ***A criação pelo Espírito-Palavra de Deus***

O primeiro sinal da criação (ainda em Gênesis 1:2) se encontra na referência ao *ruach elohim*, que se movia sobre a superfície deste oceano primordial. Trata-se do “espírito” de Deus descrito como um vento, um sopro.

Em seguida, temos o segundo sinal da criação (Gn 1:3): a “palavra” de Deus, que manda que haja luz, seguida da confirmação de que assim aconteceu.

Os hebreus falavam das coisas como as viam e sentiam. Bem diferente do que a linguagem científica à qual nos acostumamos. Todo o primeiro relato da criação, que vai até Gênesis 2:3, ilustra isso bem. Por isso, sempre ajuda tentar visualizar o que é dito. No caso aqui, Deus sopra, e seu sopro, poderosíssimo, movimentava as águas primordiais. Mas o sopro já é também o primeiro sinal da fala. Quando alguém vai falar, abre a boca e sai um ar quente que contém os sinais audíveis que identificamos como palavras. A *palavra* criadora, portanto, é a expressão do *espírito*, do sopro divino. E o espírito, ao se expressar, se expressa como palavra criadora.

Esta conjunção de *espírito* e *palavra*, logo no começo, é muito significativa. Tem grandes conseqüências para a teologia e para a explicação da Bíblia. As igrejas, por exemplo, parecem ter uma tendência a se dividir em dois grandes grupos. De um lado, temos igrejas “da palavra”. Do outro, igrejas “do espírito”. Onde se privilegiava um, o outro parece ameaçado de desaparecer, ou se tornar mais